

Uma mudança de paradigma

DESAFIOS AOS PAIS CONTEMPORÂNEOS – parte 2

Ana Paula Cury



Até meados do século XX, pais e mães não tinham dúvidas sobre seus papéis e não se perguntavam sobre suas funções. O pai era o provedor material, impunha castigos, administrava as recompensas. A mãe gestava, dava à luz, amamentava, cuidava da saúde e das rotinas escolares. O pai era respeitado a partir do temor e da distância emocional, enquanto a mãe era reverenciada por sua capacidade de sacrifício em favor dos filhos. O pai era referência de conduta no mundo do trabalho, a mãe da gestão doméstica incluindo a mediação nas relações e conflitos. Os papéis, mais que arquétipos (modelos ricos em significados essenciais, porém moldáveis em seus modos de expressão), haviam se tornado estereótipos (papéis que se repetem de modo automático e prevalecem sobretudo pela forma). Poderíamos enumerar, aos olhos de hoje, várias zonas não atendidas, lacunas de comunicação, especialmente no campo emocional, carência de respostas para perguntas decisivas que não podiam sequer ser formuladas. No entanto, pais, mães e filhos se relacionavam dentro de uma

ordem com códigos e hierarquias assimilados sem questionamentos. Era simplesmente a ordem natural das coisas. Até que vieram os anos sessenta.

Os anos sessenta trouxeram profundas mudanças sociais. Em princípio, o surgimento da pílula e dos métodos contraceptivos permitiu à mulher a iniciativa e recuperação da posse de seu corpo (seu útero), seu desejo e definitivamente, de sua sexualidade, propiciando-lhe um papel mais ativo nas relações entre os sexos — o que se somou ‘a sua incorporação ao mundo do trabalho e outros espaços sociais e políticos.

A revolução sexual, os movimentos de liberação feminina, o movimento hippie, os levantes de maio de 68 na França e mais tarde em outras partes do mundo são alguns exemplos de impulsos de transformação que marcaram época. O modelo familiar tradicional começaria a experimentar uma metamorfose cuja profundidade e repercussões apenas seriam vistas em toda sua dimensão mais adiante. A confrontação dos velhos padrões de educação e convivência familiar segundo os quais os filhos deveriam ser repetidores dos modelos paternos e cumpridores das expectativas fez com que interrogações se instalassem de maneira um tanto hamletiana no panorama das novas gerações.

Afastar-se dos modelos dos próprios pais floresceu como uma necessidade imperiosa para um número crescente de jovens casais. E como costuma acontecer, todo modelo fixo, enrijecido e estereotipado acaba levando à irrupção abrupta de seu oposto. Assim, da rigidez, do autoritarismo, do puritanismo, e da imobilidade de uma forma de criação antiga surgiram uma maternidade e paternidade que fariam da permissividade, da ausência de restrições e referências e da celebração da “sabedoria da infância” suas marcas no tecido social. O trágico é que, apesar das melhores intenções, o pouco discernimento e uma certa imaturidade levou muitos pais a confundirem cumplicidade com amor, condescendência afetiva com presença emocional e independência e autonomia pessoal com prescindência vincular quase que transferindo aos filhos a responsabilidade de se educar sozinhos.

Em seu livro *In Place of the Self*, em que aborda a questão da drogadicção como um desafio de nossa época, Ron Dunselmann também fala destas transformações sociais como um ponto crucial, porém de um outro ponto de vista. Se descrevemos até agora a fisionomia exterior dos fatos, ele nos dá a perspectiva mais interior e oculta sob a face manifesta. Diz ele:

Fica claro que desde 1960 têm havido profundas mudanças na vida social e cultural. Até este tempo, os padrões de pensamentos, sentimentos e desejos eram determinados em uma maior extensão pelo gênero, família, classe social, profissão, religião ou pela comunidade. Entretanto, no curso dos anos 60 (1960) as coisas mudaram drasticamente. Os últimos anos da década de 60 do século XX foram uma época de muitas revoluções em nossa cultura; de revoltas estudantis, primeiro em Paris, e mais tarde também em outras partes do mundo. “L’imagination a le pouvoir” (poder para imaginação) – as coisas tinham de ser diferentes. Nós queríamos pôr as coisas em movimento. Queríamos determinar por nós mesmos aonde iríamos, com base em nossas próprias idéias. Tentativas eram feitas para expandir a consciência, e para muitas pessoas, as drogas (particularmente o LSD e a maconha) pareciam perfeitas para isso. Tradições eram desafiadas, e muitas regras aprendidas eram quebradas ou invertidas. Alguns exemplos óbvios disso incluem: o questionamento dos padrões e papéis nos relacionamentos, questionamento da autoridade na família, na escola, na universidade, no trabalho; o movimento para emancipação feminina e em favor das minorias oprimidas; mudanças no comportamento e moralidade sexual, com os relacionamentos se tornando cada vez mais abertos, livres e mais diversos, o declínio da ascendência da Igreja, e assim por diante.

A esse respeito, tradições e costumes têm duas características importantes. De um lado, elas impedem a psique de ser livre, e obstruem a atitude inquiridora da realidade. Por outro lado, elas oferecem à alma uma coesão interna pelo fato de possibilitarem que ideias, costumes e motivos se interrelacionem. Em outras palavras, a tradição assegura que ideias e desejos estejam interrelacionados e formem uma certa unidade dentro da personalidade. (Neste caso você age com base na idéia de que ‘este é o modo como se tem de agir’) Quando a força formativa da tradição desaparece, isto não apenas conduz à liberdade, mas também à necessidade de criar um relacionamento interior entre as idéias, sentimentos e desejos, a partir dos próprios recursos. Talvez uma das características das pessoas de hoje seja que muitas vezes o que elas pensam ou sentem não condiz necessariamente com o que elas fazem. Ou o que sentimos conflita com o que fazemos, ou pode ser que escutemos algo como: “Eu penso ou faço uma coisa, mas em meu coração sinto outra.”

Pensar, sentir e querer começam a viver cada qual a sua própria vida, começam a se emancipar, e é como se a cada dia necessitássemos recriar o interrelacionamento entre estas três forças na alma.

Até os anos 1960, a cultura e as tradições foram responsáveis por criar esta unidade em grande medida. Mas a ruptura com as tradições criaram um espaço na alma que, por um lado, nos deu a liberdade de criar o próprio conteúdo, de estabelecer o interrelacionamento e coesão do pensar, sentir e querer.

Por outro lado, surge a questão: será que temos força suficiente para fazer isto a partir de nós mesmos, com recursos do nosso próprio ser?

E este é o ponto em que nos encontramos como humanidade do século XXI. Todas as formas de afirmação de autoridade externa, identificadas com a tradição, devem ceder lugar a uma nova autoridade interna, forjada no exercício e conquista da própria consciência e liberdade.

Porém, se deixamos de fazer este caminho de exercitação da própria vontade na busca do verdadeiro, do belo e do bom, que não mais podem ser ditados por padrões externos, por regras pré-estabelecidas e generalizadas, mas devem ser encontrados a partir do próprio íntimo, caímos num vácuo existencial, e é este vazio que pode ser ocupado pelas manifestações de seres e forças adversárias do desenvolvimento do Eu humano, cuja expressão ou semblante não é outro senão o de todos os desafios que nos confrontam na formação do ser em nossos dias. Examinemos, pois, a questão no contexto da educação dos filhos e sua relação com um caminho de autodesenvolvimento.